

Oneolítico e as fantasias das origens

O ELEMENTO FUNDADOR DA SOCIEDADE OCIDENTAL, DO PONTO DE VISTA DA SUA ONTOLOGIA, VEM DA GRÉCIA CLÁSSICA e consiste em ter dividido as coisas humanas, o observador, das coisas naturais, aquele que é suposto explicá-las, ou seja, domesticá-las, trazê-las para a nossa cultura.

Essa crença de que existe uma cultura e uma natureza, como realidades partidas embora articuladas fundamenta a nossa maneira de estar no mundo e de o explicar, mesmo quando percebemos a ilusão e queremos escapar-lhe: está impressa na própria moldura do nosso discurso.

Correlativas a esta crença são a ideia de origens e a ideia de primitivo, de homem primitivo, se quisermos. Encontrar as origens das coisas é, segundo a nossa fantasia, explicar e compreender a sua razão de ser. Por isso a nossa cultura se instala na ideia de história.

A HISTÓRIA É A NARRATIVA DE COMO É QUE AS COISAS SE TORNARAM NO QUE SÃO (ou imaginamos serem) HOJE. Toda a história, por mais "científica" e "objectiva" (que as pessoas ligam a neutral) que se queira, é sempre uma justificação a posteriori.

Origens, narrativa histórica, e evolução estão pois interligadas ideologicamente.

A noção de um primitivo que era primeiro que tudo um ser natural e se foi tornando "progressivamente" um ser cultural é o "joelho", a articulação conceptual, de todo este mecanismo explicativo. Não é apenas a ideologia do racismo e da xenofobia: é a ideologia ocidental no seu coração.

NAS ORIGENS HAVIA A NATUREZA E HAVIA O HOMEM PRIMITIVO, o homem da natureza, o que não fazia mais do que tomar da natureza o que esta lhe dava: o caçador-recolector e, para muitos, o predador, quer dizer, o que só consumia e não produzia (tudo ideias e conceitos que ressumam a ideologia justificativa da nossa própria sociedade).

A história (incluindo a pré-história) é a narração de como desse "éden" ou paraíso o ser humano se foi distanciando dos animais, da bondade natural (que podia incluir alguma rudeza - daqui a oscilação entre o mito do bom e do mau selvagem, duas faces da mesma moeda), de uma certa inocência, etc., e adquirindo a manha e a duplicidade do ser humano civilizado, o ser reflexivo e bipartido (no mínimo), e portanto necessariamente interessado e interesseiro, individualista, etc.

Só para se ter uma ideia da extensão e abrangência desta ideologia, veja-se as ideias de Zizek, nomeadamente sobre os mitos de origens, tal como são resumidas na entrada relativa ao autor (por Matthew Sharpe) da The Internet Encyclopedia of Philosophy, em que me permito inspirar. Ver:

<http://www.iep.utm.edu/z/zizek.htm>

Quer dizer, A NATURALIZAÇÃO DAS ORIGENS, naturalizando-as, É SEMPRE UM ECRÃ PARA DISFARÇAR A IDEIA DE QUE TALS ORIGENS NUNCA EXISTIRAM (nem num determinado momento nem de forma paulatina), mas se deram antes talvez cadeias complexas de acontecimentos que marcaram rupturas a diversíssimas escalas não coincidentes em tempo e espaço, instalações de ordenamentos e de contra-ordenamentos, isto é, políticas, e outras políticas, tais confrontações e tais tensões pressupunham desequilíbrios, outras formas de ruptura, sempre "anteriores" e tão diversificadas que não tem sentido tentar colocá-las numa ordem temporal linear e inteligível (única ou múltipla, são variantes do mesmo). Não tem sentido pensá-las nesse quadro conceptual.

A HISTÓRIA É SEMPRE UMA FICÇÃO, MESMO QUE SEJA UMA FICÇÃO NECESSÁRIA À NOSSA "PAZ DE ESPÍRITO" e à nossa explicação do mundo em termos de imaginação do antecedente, em termos de pensarmos como algo que ultrapassa a sensação absurda de ele poder ter existido antes da consciência de cada um, que o pensa.

O "NEOLÍTICO" É A FANTASIA DA ORIGEM DA SOCIEDADE HUMANA, da passagem de um regime de predação e coleta para um regime de produção e de acumulação, quer dizer, de um sistema de indiferenciação para um sistema de diferenciação. É o começo da história, como o francês Jean Guilaine não deixou de insistir em todos os seus livros.

De certo modo, ao domesticar a natureza, os animais, as plantas, ao começar a produzir, a trabalhar, a acumular riqueza, a conseguir excedentes e a poder dar-se ao luxo de fazer grandes obras e de desenvolver uma ordem e uma hierarquia, o homem distanciou-se do animal. Era o que já diziam os antigos gregos, mas o que também vem na nossa tradição bíblica anterior. De facto, a humanidade, a tornar-se tal, quer dizer, ao entrar na ordem do chamado "simbólico" (outro conceito a discutir), e portanto dominar a linguagem, ficou também dividida como conta outro mito, o mito de Babel ou da diversidade das línguas.

A LINGUAGEM UNIU, PERMITIU SOCIABILIDADES, MAS DIVIDIU IGUALMENTE, e de maneira radical, ao separar os sentidos e ao exigir a tradução. O conceito de tradução é outro ponto fundamental da nossa cultura. NO FUNDO O "HOMEM CIVILIZADO" O QUE FAZ É TRADUZIR, TRADUZIR

EM SEU PROVEITO PRÓPRIO. Traduzir materiais e em geral as realidades da dita natureza em matéria-prima e obra, traduzir espécies selvagens em espécies produtivas, traduzir as igualdades naturais em desigualdades naturalizadas, isto é, aceites como indiscutíveis, traduzir o território em paisagem, traduzir o meio em natureza que ele controla, traduzir a língua do outro em linguagem inteligível, quer dizer, compreensível e domesticável, traduzir

em suma tudo o que era dado, em sinais do que é precisodomar, domesticar. Traduzir finalmente excedentes do grupo em mais-valias de uma elite.

E assim se explica a necessidade da divisão das pessoas em categorias e mais tarde em classes, em incluídos e excluídos, enfim, a heterogeneidade social em termos de hierarquização e de diferenciação funcional. Guilaine tinha razão em dizer que esta é a origem da história: para a nossa ontologia, sem "neolítico" não teria havido acontecimentos, mas apenas natureza, repetição do mesmo ou cadência tão lenta que se não nota a uma escala humana. Portanto, não teria havido propriamente homem (ser humano) como tal.

Não há filosofia, até hoje, que eu conheça - e conheço pouco, ai de mim - que não se reporte mais cedo ou mais tarde a uma espécie de "caixa negra", de um embraiador do que somos. E essa caixa negra, esse embraiador, é a natureza e o homem primitivo vivendo nela.

SE QUISERMOS SOBREVIVER NESTE MUNDO TERRESTRE TEREMOS PROVAVELMENTE QUE CONSTRUIR UMA OUTRA FILOSOFIA DA NATUREZA e da nossa relação com ela. Teremos que abandonar a mitologia do "neolítico" e toda a sua panóplia de míticas invenções técnicas e mutações epistemológicas.

O NEOLÍTICO NUNCA EXISTIU a não ser na invenção do evolucionismo do séc. XIX, de que estamos eivados, até hoje. É uma fantasia da origem da cultura e da civilização moderna, ocidental e europeia, que depois aliás se tentou aplicar a outros continentes com manifestomal-estar ou mesmo impossibilidade. Em muitos pontos do mundo (África subsariana, Américas, etc.), nem mesmo a imaginação evolucionista utiliza a palavra "Neolítico". O Neolítico é uma narração bíblica, com a sua matriz no Próximo Oriente (terra de origem dos monoteísmos históricos).

Ponto.

O processo de relação dos seres humanos com as plantas, com os animais, com seres vivos ou inanimados, com a matéria inerte, esse processo (ou multiplicidade infinda de processos) deve ser descartado das ideias feitas sobre domesticação.

A DOMESTICAÇÃO É UM CONCEITO LATINO QUE VEM DE "DOMUS", casa, como mostrou Philippe Descola e pressupõe uma diferença entre "home" (lar, o espaço doméstico, as zonas envolventes que o ser humano "controla", e não apenas "house" como um lugar de funções) e "wild", algo que o ser humano teme e onde faz incursões, algo que está povoado de perigos e de seres estruturalmente, ontologicamente diferentes de nós.

Ora, os estudos de etologia, de ecologia, de antropologia têm vindo a desmentir essas barreiras e a mostrar o carácter etnocêntrico dessas classificações e conceptualizações. Mas mesmo tentando ultrapassá-las, a matriz do nosso raciocínio continua a ser a mesma: estamos por assim dizer gramaticalizados (como diria Bernard Stiegler) destemido, e não é a imaginação crítica do pensamento individual que pode sair da matriz que o informa. Só o esforço colectivo de desmistificação, de desvendamento das fantasias. Daí a importância da matriz psicanalítica, na sua vertente verdadeiramente subversiva, isto é, como ferramenta de abertura a novas possíveis formas de "gramaticalização".

Ainda recentemente uns colegas gentilmente me convidaram para participar num grande livro sobre o Neolítico da Europa.

Qual não foi o meu espanto quando lhes disse: percebo por que se aventuram a tal projecto, que é de grande prestígio, e que é fulcral para consolidar a ideia de que existe uma Europa, uma cultura europeia, e que essa cultura e unidade (na heterogeneidade) mergulha as suas próprias raízes na água das origens.

Mas eu não acredito já nisso. E por isso não posso participar, enchendo mapas e tabelas cronológicas com artefactos, tipos de sociedade e outros construtos do meu espírito, e enfaixando tudo numa narrativa do devir, mais ou menos verosímil.

Cansei-me de contar histórias, e então anseio por novas fantasias.

Vítor Oliveira Jorge